

## A definição filosófica de Alfredo Pimenta

Ledor assíduo dos eruditos artigos críticos de rodapé do *Diário de Notícias*, acerquei-me bem mais do seu excelso espírito crítico, através dos três volumes dos *Estudos Filosóficos e Críticos*, dos *Estudos Sociológicos* e de um opúsculo que adquiri, pressuroso, levado pelo subtítulo — *A evolução dum Pensamento (Auto-biografia filosófica)*. Recordo-me da desilusão que se apossou de meu espírito, ao ler este último que, afinal, não poderia dar muito mais (e, muito menos, o que eu dele esperava), por se tratar apenas de simples conferência integrada nos Cursos e conferências de extensão universitária, promovidos pela Universidade de Coimbra.

Alfredo Pimenta, «antigo escolar da mesma Universidade, proferiu a sua lição na Biblioteca Geral, a 6 de Maio de 1935. Não fora a primeira vez que falara em público, «dentro das paredes desta casa» — evocava ele, logo de entrada. Antes, haviam decorrido 36 anos, dera ele a sua lição na «Sala dos Caloiros», por «grosso calhamaço ... o *Girard*». Entre esse dia e o presente, fora-lhe ainda facultada a palavra, 27 anos atrás, na «Sala dos Quintanistas», quando prestou as últimas provas de escolar de Direito. Sendo assim, ocorria o ano de 1908, o que não coincide com os biógrafos que assinalam o ano de 1910 como o da licenciatura em Direito.

E, para que não se olvide este período fervente da sua mocidade, convém lembrar a definição que o próprio lhe atribuiu: «Quero dizer que andei nesta casa, a subir-lhe as escadas, a atravessar-lhe as aulas, a ouvir-lhe a *Cabra*, a colaborar-lhe, assiduamente, no *Anuário*, a extinguir-lhe depressa as *dispensas*, a aproveitar-lhe, mais depressa ainda, as faltas, a familiarizar-me com o Perdigão o meu querido bedel e com os seus archeiros — durante o largo período de 9 anos. Durante 9 anos, falei por todos os cantos desta casa. O meu Curso formou-se — e ainda eu pairava

nos céus confusos dos Fisiocratas e do Socialismo catedrático ou esbarrava nos conceitos transcendententes da Posse, da Prescrição e doutras maravilhas...

O meu Cabo das Tormentas foi o 2.º ano. Para o dobrar, gastei 6 anos. Bem sumadinhos, porém, os instantes que na verdade consagrei à tentativa de o dobrar, talvez não dêem para se encher um mês...» Evoca a seguir, a memória de alguns amigos, «numa saudade muito profunda e muito sincera» os *Professores*, seus amigos, «Doutores Avelino Calisto, Guilherme Moreira, Marnoco e Sousa, Teixeira de Abreu, Guimarães Pedrosa e Dias da Silva; e os «*companheiros de sonho e de ilusões*», «o último dos quais «foi o espírito gentilíssimo e o coração formosíssimo de Trindade Coelho». Associa-lhe, por fim, «com pena bem maguada, o Doutor Mendes dos Remédios, que no último trabalho seu que me enviou, se afirmava, na exuberância da sua generosidade, o meu maior admirador, como se merecesse admiração de alguém, o pobre, inútil e insignificante estudante que eu sou...»

Realmente, trata-se da sua auto-biografia, enquanto se confina a uma época (nasceu em 1882, contando, pois, quase 53 anos de idade, vindo, porém, a viver mais 15 de intenso labor intelectual). Também se apura, de fugida, o ideário filosófico, que espera encontrar na auto-biografia. Além da rápida alusão transcrita aos Fisiocratas e ao Socialismo catedrático, emite parecer sobre a Filosofia dominante, quando relata a sorte do «amigo» Francisco de Lucena, que se embrenhara nos «braços doentios mas tentadores» dos Kant, Fichtes, Hegels e Hartmanns. Define-se ainda, quando o coloca em frente das ideias religiosas de Renan, Strauss, Kant, Proudon e interroga: «O catecismo, essa suma esplendida de saber e paz moral, onde parava ele?».

Em certa ocasião, adere ao Positivismo, depois de passar pelo Anarquismo. «Abandonava a filosofia pura, a ciência filosófica, para se dedicar à filosofia científica e à ciência. Começava a reconhecer a infrutuosidade da razão, nos seus devaneios transcendententes, porque a sua crítica começava a olhar directamente os sistemas e as teorias». Sua, a do *amigo* Francisco de Lucena que, «à medida que avançava, o seu espírito afirmava-se cada vez mais autónomo, cada vez mais pessoal, cada vez mais crítico. E, simultaneamente, formava-se nele um grande desprendimento dos dogmatismos filosóficos, que era quase desdém ou renúncia. Sonhou, durante anos, compor um livro que se chamasse *Relativismo Integral*, mas a vida não o deixou». «Vencido pela carência de

todos os sistemas, ideias, escolas, hipóteses e conjecturas», «regressou à Fé Católica que lhe iluminara os primeiros anos da existência».

Afinal, a auto-biografia ficou mais completa do que se me afigurou, quando a li pela primeira vez. Pimenta, como bem frisa Álvaro Ribeiro, não foi Filósofo, mas sim, Historiador. Em todo o caso, muito lhe custou (sem que reconhecesse a sua incapacidade para isso), não ter realizado o sonho reiterado, de unir o Positivismo com o Tomismo. «Há na Filosofia de hoje, uma grande obra a realizar. E o autor, de bom grado a ela se abalançaria, se lho não impedissem obstáculos de variada natureza. Essa consiste em fazer, para Augusto Comte, o que S. Tomás de Aquino fez para Aristóteles» — escreveu ele em 1930, na «Introdução» dos *Estudos Filosóficos e Críticos*. Anos mais tarde, em 1943, persistia na mesma ideia: «O Filósofo que tenta a conciliação do Positivismo com os dogmas católicos, fará no mundo do Espírito uma Revolução maior do que a de S. Tomás, ao conciliar o Estagirita pagão com o Catolicismo» (Rev. *Gil Vicente*, p. 5 e 6).

Claro que Alfredo Pimenta (nem ninguém) poderia conciliar o irreconciliável, e quedou-se com o Catecismo, que só é positivo no sentido de categórico, certo, na estruturação das verdades que alimentou satisfatoriamente as ambições do coração e da inteligência do crente, mesmo do crente mais intelectual e mais exigente e mais crítico.

Em 1935, ainda ele se *refugiava* na Fé e, por conseguinte, não confiava inteiramente na Razão aliada da Fé. «Entre *crer* e *compreender*, há um abismo: o que a alma vê, pela Fé, é a claridade eterna, a verdade absoluta, o Ser em toda a sua plenitude; o que o Espírito compreende ou sabe, à margem da Fé, é precário e estéril, pode ser ou não ser, ninguém sabe como é».

Não será tanto assim. Se a união do Positivismo ao Tomismo constitui uma das suas utopias, tamanha desconfiança das possibilidades intelectuais do homem redundava em pessimismo extremo que angustia o homem, de forma que o desalenta de qualquer actividade válida, no campo da investigação do espírito, com reflexos sérios e lastimáveis, no desenrolar da personalidade e no concerto da sociedade. Refugiou-se na História, onde encontrou maior firmeza para o exercício da inquirição da verdade histórica. E aí alcançou certezas o seu espírito de polemista vigoroso que não admitia reticências, sempre que conseguia escudar as suas

relacionações, em documentos firmes ou assim considerados, em favor das teses que se lhe impunham com convicção.

E ainda bem que, na prática, esqueceu a dúvida teórica e assim pôde deixar-nos laudas válidas de História Pátria.

*A. Banha de Andrade*

---

*NOTA;*

Durante a organização deste volume viria a falecer, em Junho, o Prof. Doutor Banha de Andrade. Aqui lhe fica, nas mesmas páginas que ele escreveu sobre Alfredo Pimenta, a nossa profunda saudade.